

/artigos

Soberania e experiência no frontispício do Leviatã, de Thomas Hobbes: pensando o paratexto enquanto um elemento estético-político

João Augusto Kaminski Sillas

Universidade Federal do Paraná

<https://orcid.org/0009-0007-1463-2438>

jkaminskisilla@gmail.com

Resumo: O presente trabalho procura trabalhar as relações de experiência e soberania na filosofia política de Thomas Hobbes (1588-1679), partindo do frontispício da sua obra "Leviatã: ou a Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil" (1651). Desse procura-se elencar os elementos que demonstram a ideia de Soberania, relacionando-a às noções de Experiência e Imagem na filosofia hobbesiana. Para tanto, será feita uma breve análise do contexto e de outras interpretações sobre a Soberania em Hobbes, vinculando a proposta de Giorgio Agamben sobre o paradoxo do Estado hobbesiano com a ideia da Percepção, baseando-se na Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. Fazendo uma análise comparativa entre o frontispício e o materialismo de Hobbes, será esboçada a noção da soberania paradoxal e atravessada pelo medo, pensando o paratexto enquanto um elemento estético e político na obra em questão.

Palavras-Chave: Thomas Hobbes, Paratextos, Merleau-Ponty

Introdução

Thomas Hobbes (1588-1679) foi um erudito inglês que escreveu seu livro mais conhecido: *Leviatã*, em 1651. Segundo Ginzburg (2014, p. 14), Hobbes vivenciou a guerra civil provocada pelo conflito entre Carlos I Stuart e o Parlamento. Esse evento, desdobrando-se em suas minúcias, ficou conhecido como a Revolução Inglesa (1642-1651). O medo de uma revolta ronda a obra hobbesiana de modo que há uma guerra entre homens entendida em sua categoria natural, corroborando para a célebre frase de Hobbes *homo homini lupus*. A temática do medo é curiosa e será desenvolvida a partir do questionamento de como ela forma um aparato de dominação a partir do frontispício anexado na obra original de Thomas Hobbes. Tal anexo, esboçado por Hobbes e produzido com maior afínco por Abraham Bosse (1604-1676), representa a encenação do argumento central do livro, funcionalidade do paratexto (Muzzi, 2015, p. 59).



Frontispício da obra “Leviatã” (1651)³³.

³³

Disponível

<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Leviathan_by_Thomas_Hobbes.jpg>

<<https://www.loc.gov/exhibits/world/nature.html#oobj37>>. Acesso em 27/03/2024.

em:
e

Sobre o contexto e o tema geral da filosofia política de Hobbes

O frontispício, nos apresenta o retrato do Estado hobbesiano: um soberano que possui a força física e religiosa em suas mãos, com a face voltada para a cidade ao mesmo tempo que é desconexo à ela. O soberano tem um corpo formado por indivíduos que, virados para ele, não possuem face, ao contrário do detentor do poder.

Podemos fazer paralelos, a critério de contexto, do poder monárquico mundano representado no século XVI. Segundo Cesare Ripa em sua “Iconologia”³⁴, o poder mundano do monarca jaz sentado sobre o mundo, quase que fora do mesmo, detendo para si o poder bélico, representado pelas flechas apontadas para cima. Ademais, a ideia de uma “razão de Estado” (Ripa, 1593, p. 518-519) também se faz presente na representação de um poder político pautado, sobretudo, na formalização da soberania e domínio propriamente humanos. Isso nos permite explorar, em um contexto amplo de produção de ideias políticas, a noção de soberania a partir da produção iconográfica.

Segundo Luiz Carlos Santos da Silva, há em Hobbes uma latente racionalidade do homem e da sua conduta, entendidas pelo prisma mecanicista-nominalista (Silva, 2016, p. 210). Isto é, o entendimento de que o homem é como uma máquina movida por paixões, a qual deve ser regulada pela razão estatal, do mesmo modo que não existe um objeto real do Estado racional, sendo um nome ou posição política que o regula enquanto *leitmotiv* da organização social. A liberdade, nesse sentido, é entendida em termos negativos, sanando certas liberdades individuais concentradas apenas na pessoa artificial e soberana, a qual efetivamente possui ações no campo político (Silva, 2016, p. 212-213). Portanto, o indivíduo não possui a ação política,

³⁴ RIPA, Cesare. **Iconologia**. 1593. p. 415. Disponível em: <<https://archive.org/details/iconologia00ripa/page/n485/mode/2up?view=theater>>. Acesso em: 29/07/2024.

ao contrário do soberano que, pela vontade neutra e pela força racional da soberania, é um agente com liberdade política. É com essa formalização da política hobbesiana que podemos passar a analisar o frontispício.

Leituras sobre a soberania a partir do frontispício

As leituras do “Leviatã” hobbesiano perpassam diferentes interpretações. Dentre elas, podemos destacar a leitura schmittiana: a obra do filósofo inglês é compreendida em termos esotéricos, em especial quando questionado o sipário no qual consta o título da obra e seis outras imagens dispostas verticalmente, na mesma direção da espada (poder temporal) e do báculo (poder religioso) segurados pelo Leviatã (Agamben, 2018, p. 255-259). Percebe-se o claro referencial aos segredos da política (*arcana imperii*), tornando a leitura do frontispício ainda mais intrigante ao percebermos que, como Agamben o faz, há a inabituação da cidade pelo soberano e pelos súditos (Agamben, 2018, p. 261-263). Somente alguns indivíduos estão dispostos esparsamente na imagem. Compreende-se a ilusão óptica dessa multidão-povo formando o corpo político, implicando em uma ideia de que o resultado da diferença entre multidão (com diversas vontades) e povo (única vontade) é um problema que deve ser sanado pelo soberano. Isso traz a fórmula do Leviatã enquanto um paradoxo e uma impossibilidade de ser concretizado, vivendo em constante tensão (Agamben, 2018, p. 265).

A visão de Agamben sobre a habitação cidadina e o paradoxo acima exposto, pode ser retomada enquanto o nascimento do Estado pelo medo (Ginzburg, 2014, p. 22-23). Segundo Ginzburg, o medo individual é criador dos deuses (Ginzburg, 2014, p. 24), do mesmo modo que a sujeição, indicada pelo verbo em inglês *to awe*, indica uma ressignificação do medo, pois é alocada ao Estado enquanto funcionalidade do medo pela sujeição (Ginzburg, 2014, p. 24). Para retomarmos a exposição da cidade vazia de Agamben, podemos indicar que a cidade está vazia por conta do monstro hobbesiano que subjuga a cidade; ao mesmo tempo, esses

cidadãos que se escondem à nossa percepção, estão no próprio Estado, mostrando o paradoxo do Leviatã ao mesmo tempo que o interpola ao medo-sujeição dos cidadãos. Há uma forma dialética na formalização do Estado em Hobbes, o que nos permite pensarmos que a soberania é, por si mesma, contraditória. O frontispício indica isso ao dar rosto apenas ao Leviatã, sem mostrar as faces dos súditos, indicando que o rosto de um soberano é o conjunto das faces apagadas pelo medo dos indivíduos. Isso também indica a forma ficcionalizada do Estado, na medida em que a ficção está entre o medo individual e a sujeição (Ginzburg, 2014, p. 24).

Esses modos tensos entre sujeição, individualidade e soberania são atravessados pela noção de “inocência de poder” (Koselleck, 1999, p. 24). Desse modo, o indivíduo (súdito) está reduzido e culpado pelo anonimato e pela falta de responsabilidade, esta que é voltada para o soberano. A consciência subjetiva não está no Estado, mas no indivíduo (Koselleck, 1999, p. 29). Dessa maneira, a razão do Estado é neutra, apenas com a moralidade de manter a ordem social (Koselleck, 1999, p. 33-34). Contudo, o que Koselleck não percebia, muito provavelmente por conta do objetivo central do seu livro, era o frontispício enquanto uma representação do fenômeno visto por Hobbes, a saber, as guerras de religião e a própria noção do significado de representação para o autor. Em especial quando problematizamos a noção de soberania estruturada pela imagem.

Enquanto existem contradições, digamos, lógicas no cerne do Leviatã hobbesiano, podemos analisar fenomenologicamente a imagem desse complexo estruturado pelo sensível. Hobbes, admite que “a causa das sensações é o corpo externo ou objeto que age sobre o órgão apropriado a cada sentido” e, em seguida que o corpo reage a essas sensações causando “uma resistência, reação e esforço do coração, em busca de libertação” (Hobbes, 2014, p. 50). Esse materialismo hobbesiano nos ajuda a compreender que, mesmo como imagem, a figura do Leviatã causa no indivíduo a necessidade de libertação. Logo, há a necessidade de sensação direta com o objeto, seja ele figurado ou não, visto que para existir algo na mente, é necessário ter uma sensação (Hobbes, 2014, p. 33). Pensando que Hobbes

compartilha da natureza humana por ele teorizada, o mesmo se aplica ao próprio autor que, na descrição da imagem e na produção textual, infere a sua própria anarquia individual, procurando uma libertação. Voltando nossos olhos para o frontispício, vemos que a contraposição dos poderes temporal e religioso, ambos destinados ao soberano, são por eles mesmos percepções de uma realidade anárquica do mundo vivido pelo filósofo inglês. As dicotomias na imagem são vistas a partir desses poderes, a saber: castelo em relação a igreja, coroa em relação a mitra, o poder bélico do canhão e das armas em relação ao poder divino e da retórica (bidente e tridente)³⁵ e, por fim, a guerra em relação a ascese. Para citar Maurice Merleau-Ponty, “nomear um objeto é afastar-se do que ele tem de individual” (Merleau-Ponty, 1999, p. 239-240). O Leviatã nomeado e experienciado como fenômeno, traz indícios de que é nele que não só o homem e a organização social são possíveis, mas que também é a partir dele que o modo de existência do indivíduo anárquico e medroso aparece. A imagem representa o seu contexto, do mesmo modo que tira dele a sua mais pura essência perceptiva.

Imagem e experiência em Hobbes:

Para além de um modo ideal de pensarmos a figura do Leviatã, devemos compreender a forma pela qual a imagem é experimentada pelo autor da obra. Hobbes argumenta duas séries de pensamentos distintas: as descontroladas e aquelas controladas pelos nossos desejos ou desígnios (Hobbes, 2014, p. 34). A respeito da segunda série, Hobbes admite que

Do desejo surge o pensamento de alguns meios que vimos produzir efeitos análogos aos que perseguimos; do pensamento desses efeitos, nasce a ideia dos meios que conduzem a esse fim, e assim sucessivamente, até

³⁵ Esses elementos possuem as seguintes inscrições: *Silogismo*, *Espiritual* e *Temporal*, *Direto* e *Indireto*, *Real* e *Intencional*, na base está escrito *Dilema*. A tradução livre foi feita pelo autor do presente trabalho.

chegarmos a algum começo dentro de nossas possibilidades. (HOBBS, 2014, p. 34).

O desejo do pensamento é vinculado à experiência do indivíduo. Portanto, para o autor a importância da experimentação, seja ela como sensação direta (no corpo) ou indireta (nos olhos) é importante para que haja funcionalidade da imagem. Nesse aspecto, Lazzarotto argumenta que, para Thomas Hobbes, “a imagem é permanência, no presente, de algo cuja causa se deu no passado” (Lazzarotto, 2020, p. 300). Do mesmo modo, as “coisas passadas somente têm uma realidade na memória; coisas que ainda devem vir não têm realidade alguma” (Hobbes, 2014, p. 35). A presença da imagem causa uma tensão fenomenológica, se olharmos para o frontispício. Se voltarmos nossos olhos para o soberano, vemos que acima de sua coroa há a inscrição *Non est potestas super terram quae comparetur ei*³⁶. Isso dialoga, com o título da obra, a saber: *Leviathan, or the Matter, Forme and Power of a Commonwealth Ecclesiastical and Civil*³⁷. A ideia de um Estado como bem comum, isto é, compartilhado entre os indivíduos, é tensionado pela figura absoluta do Leviatã. Esta aparece, em um sentido esboçado por Merleau-Ponty, como

A fenomenologia, enquanto revelação do mundo, [quando] repousa sobre si mesma, ou, ainda, funda-se a si mesma. Todos os conhecimentos apóiam-se em um "solo" de postulados e, finalmente, em nossa comunicação com o mundo como primeiro estabelecimento da racionalidade (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 20).

As tensões entre experiência, imagem e, no caso de Merleau-Ponty, fenomenologia, ficam ainda mais intrigantes quando entendemos o frontispício enquanto uma imaginação imagética. Para retomarmos Hobbes:

³⁶ *Não há poder sobre a terra que possa ser comparado a ele.* Nota do tradutor, In. AGAMBEN, Giorgio. 2018, p. 258.

³⁷ *Leviatã, ou matéria, forma e poder de um bem comum eclesiástico e civil*, em tradução livre. Nota-se que *bem comum* e *Estado* podem ser tomados como sinônimos. Visto que o objetivo do trabalho não é preocupar-se exatamente com a língua e a tradução, mas com as tensões que aparecem na imagem e na filosofia política hobbesiana.

Qualquer coisa imaginada é finita. Portanto, não existe ideia ou concepção de qualquer espécie que possamos chamar infinita. [...]. Quando dizemos que uma coisa é infinita, queremos significar apenas que não somos capazes de conceber suas terminações e limites. Não possuímos concepção da coisa, mas apenas de nossas ineficiências (HOBBS, 2014, p. 37).

A imaginação tem limites, assim como o Leviatã. Recupera-se a ideia de que o indivíduo nada pode em detrimento do soberano. Do mesmo modo, há uma negação da multidão. A imagem apresenta essa forma de tensionamento que se desdobra na composição geral do paratexto, com a qual a filosofia política e materialista hobbesiana que, calcada na experiência, percebe a própria falibilidade do Leviatã enquanto um poder infinito. Se Hobbes está pensando no Leviatã enquanto uma ferramenta, a aproximação do seu mecanicismo nominalista torna-se, ela própria, paradoxal. O Leviatã absoluto, sem comparações de grandeza, é antes de tudo um indivíduo com medo de si e do seu entorno, mostrando a falibilidade do monstro e do próprio indivíduo. Desse modo, há uma leitura fenomenológica do frontispício de Hobbes no que diz respeito aos seus elementos filosóficos da imagem e da experiência, as quais são retomadas no âmbito político.

Conclusão

Em suma, podemos notar que a soberania do Estado hobbesiano é falha a partir do frontispício. Segundo Agamben,

É lugar-comum que, em Hobbes, a multidão não tem um significado político, que ela é aquilo que deve desaparecer para que o Estado possa ser. Mas, se a nossa leitura do paradoxo é correta, se o povo, que é constituído por uma multidão desunida, dissolve-se novamente em uma multidão, então, essa não somente preexiste ao povo/rei, mas, como *multitudo dissoluta*, continua a existir depois dele. A desaparecer está, antes de tudo, o povo, que se transferiu para a pessoa do soberano e, portanto, “reina em cada cidade”, mas sem podê-la habitar. A multidão não tem um

significado político, ela é o elemento impolítico sobre cuja exclusão se funda a cidade; [...]. (AGAMBEN, 2018, p. 266).

Percebe-se que o paratexto, enquanto fonte histórica, remete a um campo interdisciplinar da historiografia. Nesse sentido, ao usarmos critérios estéticos, filosóficos e políticos para analisarmos o conceito de soberania a partir do frontispício, podemos perceber a fertilidade de novas pesquisas históricas e metodologicamente diversas. O *Leviatã* analisado enquanto paratexto, nos mostra que a sua soberania é falha. Nele, não há uma fecundidade absoluta de poder que é intransponível a ele mesmo, pois percebe-se que no conjunto de sua filosofia, experiência, imagem e filosofia política entram em paradoxos que somente na análise interdisciplinar são possíveis de serem notados. O medo, enquanto operação da soberania, possui em si mesmo a experiência de Hobbes com as guerras de religião. Como pontua Koselleck, na Inglaterra “o Estado absolutista emergente foi destruído pela guerra civil religiosa, e as lutas religiosas já significavam a revolução burguesa” (Koselleck, 1999, p. 19). Desse modo, o Estado hobbesiano apresenta, em suas raízes, a própria gênese do Estado burguês que será concretizado enquanto instrumento de dominação nos séculos seguintes. Contudo, isso não mostra a força desse Estado, mas sua fraqueza que governa pelo medo e a partir dele, tornando-o soberano. Portanto, representa-se o paratexto enquanto um entrelaçamento de estética e política.

* * *

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Leviatã e Behemoth*. Trad. PEIXOTO, E. G. e DIÓGENES, F. B. P. **REVISTA REFLEXÕES**, Fortaleza - Ano 7, Nº 13 - Julho a Dezembro de 2018, p. 254-281.

BOSSE, Abraham. **Frontispiece of Leviathan engraved by Abraham Bosse, with input from Thomas Hobbes, the author.** Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Leviathan_by_Thomas_Hobbes.jpg>> e <<https://www.loc.gov/exhibits/world/nature.html#oobj37>>. Acesso em 27/03/2024.

GINZBURG, Carlo. Medo, reverência e terror: reler Hobbes hoje. in.: _____. **Medo, reverência e terror**: Quatro ensaios de iconografia política. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 12 - 30.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise**. Trad. L. V-B CASTELO-BRANCO. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

LAZZAROTTO, Álvaro. Riqueza, imagem e expectativa na filosofia de Thomas Hobbes. **Cadernos Espinosanos**. São Paulo, n.42, jan-jun 2020, p. 297-315.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. , C. A. R. de MOURA. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MUZZI, Eliana Scotti. Paratexto: espaço do livro, margem do texto. In.: QUEIROZ, Sônia. **Editoração: arte e técnica**. 3ª ed. Belo Horizonte: Editora FAE/UFMG, 2015. p. 57-61.

SILVA, Luiz Carlos Santos da. Tragédia na modernidade: o Leviatã hobbesiano como metáfora de representação política. **Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas**. v. 16, n. 28, jan./jun. 2016, p. 208-230.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Trad. R. D'ANGINA. São Paulo: Martin Claret, 2014.

Recebido 24/08/2024

Aprovado

12/08/2025

Licença CC BY-NC 4.0

